



PESQUISA

Uma perspectiva filosófica sobre o suicídio: um diálogo entre Albert Camus e Emil Cioran
A philosophical perspective on suicide: a dialogue between Albert Camus and Emil Cioran
Una perspectiva filosófica sobre el suicidio: un diálogo entre Albert Camus y Emil Cioran

Douglas Aparecido Bueno¹

RESUMO

Este artigo explora os aspectos filosóficos do suicídio a partir das perspectivas de Albert Camus e Emil Cioran, dois pensadores que, embora distintos em suas abordagens, convergem na centralidade do tema para a compreensão da condição humana. Analisa-se a filosofia do absurdo de Camus e sua ética da revolta como uma recusa do suicídio, em contraste com o pessimismo radical de Cioran e sua lucidez contemplativa, onde a ideia do suicídio atua como um antídoto para as ilusões. O trabalho estabelece um diálogo comparativo entre as duas filosofias, destacando suas convergências e divergências, e contextualiza suas contribuições no panorama da história da filosofia, diferenciando-as de abordagens sociológicas (Durkheim) e políticas (Foucault). Conclui-se que a reflexão sobre o suicídio, para ambos os autores, transcende o mero ato, tornando-se um espelho que reflete as fissuras mais profundas da consciência e um ponto de partida para a construção de uma ética autêntica em um mundo desprovido de sentido intrínseco.

Palavras-chave: suicídio; filosofia; Albert Camus; emil cioran; existencialismo.

ABSTRACT

This article explores the philosophical aspects of suicide from the perspectives of Albert Camus and Emil Cioran, two thinkers who, although distinct in their approaches, converge on the centrality of the theme for understanding the human condition. It analyzes Camus’ philosophy of the absurd and his ethics of revolt as a refusal of suicide, in contrast with Cioran’s radical pessimism and contemplative lucidity, where the idea of suicide acts as an antidote to illusions. The work establishes a comparative dialogue between the two philosophies, highlighting their convergences and divergences, and contextualizes their contributions within the history of philosophy, distinguishing them from sociological (Durkheim) and political (Foucault) approaches. It concludes that reflection on suicide, for both authors, transcends the mere act, becoming a mirror that reflects the deepest fissures of consciousness and a starting point for building an authentic ethics in a world devoid of intrinsic meaning.

Keywords: suicide; philosophy; albert camus; emil cioran; existentialism.

RESUMEN

Este artículo explora los aspectos filosóficos del suicidio desde las perspectivas de Albert Camus y Emil Cioran, dos pensadores que, aunque distintos en sus enfoques, convergen en la centralidad del tema para la comprensión de la condición humana. Se analiza la filosofía del absurdo de Camus y su ética de la revuelta como una negación del suicidio, en contraste con el pesimismo radical de Cioran y su lucidez contemplativa, donde la idea del suicidio actúa como un antídoto contra las ilusiones. El trabajo establece un diálogo comparativo entre las dos filosofías, destacando sus convergencias y divergencias, y contextualiza sus aportes en el panorama de la historia de la filosofía, diferenciándolos de los enfoques sociológicos (Durkheim) y políticos (Foucault). Se concluye que la reflexión sobre el suicidio, para ambos autores, trasciende el mero acto, convirtiéndose en un espejo que refleja las fisuras más profundas de la conciencia y en un punto de partida para la construcción de una ética autêntica en un mundo desprovisto de sentido intrínseco.

Palabras clave: suicidio; filosofía; albert camus; emil cioran; existencialismo.

¹Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Cacoal, atuando no Departamento de Direito, no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Filosofia e no Programa Pós-Graduação Profissional Interdisciplinar em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça. Psicólogo. E-mail: douglas.bueno@unir.br

INTRODUÇÃO

No alvorecer do século XX, a humanidade se viu lançada em um vazio de sentido que as antigas narrativas já não eram capazes de preencher. Guerras, fraturas civilizacionais e a erosão das certezas metafísicas desestabilizaram a figura do sujeito moderno, cuja existência passou a ser marcada por um desamparo radical. Nesse cenário, questões como a morte, a liberdade e, de modo particular, o suicídio deixaram de ser meros acidentes morais ou patologias sociais para se tornarem vetores centrais da reflexão filosófica sobre a condição humana. Em meio a essa crise de fundamentos, a afirmação de Albert Camus, em *O mito de Sísifo*, irrompe com potência inaugural: “só existe um problema filosófico verdadeiramente sério, o suicídio” (Camus, 2010, p. 15). A força dessa declaração não reside na defesa de uma postura niilista, mas na percepção de que o suicídio é o ponto de inflexão que obriga o pensamento a confrontar o choque entre o desejo humano por sentido e o silêncio do mundo. Ao perguntar se a vida merece ser vivida, Camus não se interessa por julgamentos morais, mas pelo núcleo duro da existência. O suicídio aparece, então, como espelho das fissuras da consciência, como confirmação de que o absurdo, esse divórcio entre o homem e o mundo, não é uma construção abstrata, mas uma experiência visceral (Camus, 2010; Jaspers, 1956).

Para compreender a originalidade desse deslocamento, é preciso situá-lo em um horizonte mais amplo. Ao longo da história da filosofia, o suicídio foi majoritariamente enquadrado por matrizes normativas. Na Antiguidade, prevaleceu uma leitura ética que vinculava a decisão de morrer à ordem cósmica, como em Platão e no estoicismo. A Idade Média transfigurou o problema em pecado, reforçando sua dimensão teológica com Agostinho e Tomás de Aquino. A modernidade laicizada introduziu uma leitura moral, como em Kant, que condena o suicídio por violar o imperativo categórico. Schopenhauer reinterpretou o gesto segundo o pessimismo metafísico da Vontade, enquanto Durkheim o transformou, no século XIX,

em fenômeno social regulado por níveis de integração e coerção. No século XX, Foucault lhe atribuiu uma inflexão biopolítica, interpretando-o como ruptura na economia do poder que administra a vida. Essas genealogias revelam que o suicídio foi reiteradamente lido como problema ético, teológico, moral, metafísico, social ou biopolítico. A singularidade de Camus e Cioran decorre justamente da ruptura com esse arcabouço, ambos desnortativizam o suicídio e o recolocam no nível primordial da existência individual. A pergunta que lhes interessa não é se o ato é permitido, condenável ou racional, mas o que ele revela sobre a relação entre o indivíduo e o desamparo do mundo. Suas filosofias deslocam o foco do plano institucional e normativo para a intimidade da consciência, convertendo o suicídio em ponto de partida para compreender a condição humana confrontada com o absurdo, o sofrimento e o vazio.

É nesse terreno renovado que se inscreve a filosofia de Emil Cioran, embora percorrendo uma trilha diversa da de Camus. Diferentemente da ética da revolta camusiana, Cioran não busca na ação ou na afirmação da vida uma resposta à falta de sentido. Seu ponto de partida é uma lucidez devastadora, um pessimismo radical que desmantela qualquer pretensão de coerência ou harmonia. Sua escrita aforismática expõe a erosão contínua das ilusões, inclusive a ilusão de que viver é uma necessidade absoluta. “Sem a ideia do suicídio, eu já teria me matado há muito tempo” (Cioran, 2011, p. 35), afirma, revelando o caráter paradoxal de sua abordagem. A possibilidade do fim funciona, para ele, como um “remédio” contemplativo que torna a vida suportável justamente ao manter aberta a hipótese de encerrá-la.

Apesar de suas divergências, Camus e Cioran convergem em um ponto decisivo, a reflexão sobre o suicídio não é um fim em si, mas uma via para compreender o que significa existir num mundo sem garantias. Para ambos, o suicídio representa uma prova filosófica extrema, capaz de revelar tanto a precariedade da vida quanto sua intensidade. Se, em Camus, a recusa do suicídio leva à revolta ativa

e ao engajamento ético, em Cioran ela conduz à suspensão, ao despojamento das ilusões e à serenidade que advém da ausência de expectativas. Essa complementaridade paradoxal permite iluminar diferentes modos de enfrentar o sofrimento, a liberdade e o absurdo.

O presente artigo parte desse ponto de convergência para desenvolver uma análise comparativa entre as perspectivas de Camus e Cioran acerca do suicídio. Seu objetivo central é compreender como cada autor ressignifica o tema a partir de suas próprias arquiteturas filosóficas e como tais ressignificações contribuem para o debate contemporâneo sobre o sentido da vida, a liberdade e o sofrimento. Camus oferece uma ética da revolta que afirma a vida apesar de sua vacuidade. Cioran oferece uma ética da lucidez que encontra, na contemplação da morte, uma forma de suportar a existência. Em ambos os casos, o suicídio é deslocado para além das perspectivas moral, teológica ou sociológica, sendo reelaborado como uma questão existencial fundamental.

Enfim, a relevância da investigação se justifica pela atualidade das questões levantadas pelos autores. Num tempo marcado por crises de sentido, ansiedade estrutural e vulnerabilidade existencial disseminada, a filosofia do suicídio retomada por Camus e Cioran oferece ferramentas para compreender não apenas o fenômeno em si, mas a fragilidade constitutiva da experiência humana. Suas reflexões apresentam alternativas éticas distintas, porém complementares, para lidar com o desamparo contemporâneo. a revolta ativa como afirmação da dignidade humana e a lucidez contemplativa como despojamento das ilusões que sustentam o sofrimento.

MÉTODO

Este artigo adota uma abordagem de pesquisa bibliográfica e de análise conceitual comparativa, fundamentada no exame das principais obras de Albert Camus e Emil Cioran

dedicadas à temática do suicídio. A metodologia orienta-se pelo princípio de que a filosofia exige leitura atenta, reconstrução argumentativa e contraste conceitual, evitando tanto reducionismos psicologizantes quanto interpretações anacrônicas. Trata-se, portanto, de um estudo de caráter teórico-analítico, cujo foco recai na articulação entre conceitos, estilos filosóficos e pressupostos éticos.

A primeira etapa consiste em uma exegese das obras centrais dos autores. No caso de Camus, a análise concentra-se especialmente em *O Mito de Sísifo*, onde o suicídio é tematizado (CAMUS, 2010). A interpretação busca reconstruir a definição camusiana de absurdo, sua crítica ao suicídio físico e ao “suicídio filosófico”, e a emergência da revolta como resposta ética. No caso de Cioran, examinam-se seus textos aforismáticos, com ênfase em *Breviário de decomposição*, *Do inconveniente de ter nascido* e *Nos cumes do desespero*. A interpretação enfatiza a noção de lucidez devastadora, a função contemplativa da ideia do suicídio e o pessimismo radical como horizonte ético. Em ambos os casos, a exegese se limita às obras e edições explicitamente citadas no corpo do artigo. A segunda etapa consiste em uma análise comparativa estruturada, cujo objetivo é identificar convergências e divergências entre as concepções dos autores. Essa comparação não se restringe a uma listagem temática, mas investiga como cada filósofo articula, por caminhos distintos, os vínculos entre suicídio, liberdade, sofrimento, ética e sentido da vida. Camus é lido a partir da lógica absurdo, recusa e revolta. Cioran é lido a partir da lógica sofrimento, lucidez e suspensão.

A comparação permite evidenciar não apenas oposições, mas complementaridades, especialmente no modo como ambos tratam o suicídio como ferramenta filosófica e não como objeto moral, clínico ou sociológico. A terceira etapa consiste na contextualização filosófica, na qual o debate contemporâneo sobre o suicídio é articulado com elementos da história da filosofia. Essa etapa examina, de modo sintético, as abordagens clássicas (Platão, estoicismo,

Agostinho, Tomás de Aquino), modernas (Kant, Schopenhauer) e sociopolíticas (Durkheim, Foucault), a fim de situar a originalidade de Camus e Cioran. Essa contextualização não busca abarcar cada tradição exaustivamente, mas esclarecer como os autores analisados deslocam a questão do suicídio de perspectivas morais, teológicas e sociológicas para uma problemática existencial. Finalmente, a metodologia preserva o caráter ensaístico dos autores, mas organiza a análise segundo critérios acadêmicos de coerência, rigor conceitual e progressão argumentativa. A comparação entre Camus e Cioran é conduzida sem buscar sínteses artificiais, reconhecendo que suas divergências são parte constitutiva da contribuição filosófica de cada um. O resultado pretendido é uma reflexão sistemática que, sem trair o estilo dos autores, permita compreender o suicídio como problema filosófico fundamental

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Camus e a Revolta: o suicídio como confissão do absurdo

Para Albert Camus, a filosofia do absurdo não é uma abstração distante, mas uma experiência visceral que emerge do confronto direto entre a busca inata do ser humano por sentido e o silêncio indiferente e irracional do universo. Essa colisão, essa fratura entre a aspiração humana por clareza e a ausência de respostas no mundo, é o que ele denomina de absurdo. Não se trata de uma conclusão lógica fria, mas de uma evidência sensível, sentida no coração, que se manifesta na percepção da falta de harmonia entre o homem e o mundo (Camus, 2004). O absurdo, portanto, não reside nem no homem isoladamente, nem no mundo em si, mas na relação tensa e irreconciliável entre ambos. É a consciência dessa dicotomia, dessa separação irremediável, que lança o indivíduo em um estado de estranhamento e desorientação. “Esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, é propriamente o sentimento do

absurdo” (Camus, 2004, p. 31). O mundo, antes familiar, torna-se estrangeiro e inóspito, e o homem, um exilado sem esperança de retorno a um lar metafísico.

Nesse cenário de desamparo, a questão do suicídio emerge como o problema filosófico por excelência. Se a vida não possui um sentido inerente, se a existência é absurda, por que continuar vivendo? Em *O mito de Sísifo*, Camus formula o diagnóstico em termos inequívocos. “Só existe um problema filosófico verdadeiramente sério. o suicídio” (Camus, 2004, p. 13). Longe de propor uma apologia da autodestruição, ele transforma o suicídio em prova extrema da relação entre o homem e o absurdo. É nesse ponto que surge a ideia do suicídio como confissão. O ato de tirar a própria vida é, para Camus, um reconhecimento implícito de que o jogo da existência já não vale a pena ser jogado. “Matar-se é, em certo sentido, confessar” (Camus, 2004, p. 15). É confessar que a vida é demais ou que não se a compreende. Ao eliminar o sujeito que, em sua consciência, experimenta o absurdo, o suicídio não resolve o problema, ele suprime o único polo capaz de percebê-lo. A confissão é também uma renúncia, ou seja, admitir que a tensão entre o desejo de sentido e o silêncio do mundo se tornou insuportável.

Por isso, o suicídio aparece como uma forma de fuga, não apenas psicológica, mas filosófica. Ao invés de sustentar a lucidez diante do divórcio entre o homem e o mundo, o indivíduo escolhe interrompê-la. O gesto rompe a relação mesma que configura o absurdo, elimina o homem para abolir o conflito. Camus vê nisso um equívoco lógico e existencial, ao destruir um dos termos da equação, destrói-se também a possibilidade de compreender o próprio absurdo em sua radicalidade (Sampaio, 2021). Essa evasão recebe o nome de “salto filosófico”. Camus critica não apenas o suicídio físico, mas também as formas de “suicídio filosófico” que recorrem a sistemas metafísicos ou religiosos para preencher o vazio de sentido (Camus, 2004, p. 39). Em ambos os casos, trata-se de escapar à exigência de permanecer no confronto, seja pela morte, seja pela promessa de outro mundo. O

suicídio, nesse horizonte, é uma recusa da lucidez e uma abdicação da razão diante do absurdo.

A lógica do absurdo conduz, para Camus, a uma alternativa rigorosa, ou fuga, ou permanência. A recusa do suicídio não é um gesto de otimismo ingênuo, mas a consequência coerente de quem aceita o diagnóstico do absurdo até o fim. “O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (Camus, 2004, p. 37). Se é dessa fricção que surge a verdade da condição humana, suprimi-la seria negar o próprio terreno da reflexão filosófica. “Viver é fazer viver o absurdo. Fazê-lo viver é, antes de tudo, contemplá-lo” (Camus, 2004, p. 52).

É dessa permanência na tensão que nasce a revolta. A revolta não procura dissolver o absurdo, mas assumi-lo sem consolos transcendentais. “A revolta é a certeza de um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-lo” (Camus, 2004, p. 65). Ela é, ao mesmo tempo, lucidez e recusa. clareza quanto à ausência de sentido e negativa de transformar essa ausência em motivo para abdicar da vida. Contra a fuga suicida, a revolta é um “sim” metafísico à existência. Daí decorre a ética camusiana, fundada na liberdade e na intensidade. A vida, privada de um *telos* transcendente, torna-se um fim em si. Não há outro critério senão a própria experiência vivida. “Viver o máximo possível, sentir o máximo possível, é viver o máximo possível” (Camus, 2004, p. 71). A quantidade de experiências, a densidade dos instantes e a paixão pelo presente substituem qualquer promessa de salvação futura. A revolta é a forma de habitar o absurdo sem apelo.

O *mito de Sísifo* concentra, em imagem, essa ética da revolta. Condenado a empurrar eternamente uma rocha montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta, Sísifo encarna o trabalho inútil e sem sentido. No entanto, Camus conclui: “é preciso imaginar Sísifo feliz” (Camus, 2004, p. 123). A felicidade não se encontra na superação da tarefa, mas na consciência da própria condição e na aceitação do destino. Ao assumir o peso da rocha e da repetição, Sísifo converte sua condenação em espaço de liberdade. Sísifo é, assim, o herói

absurdo, não porque triunfa sobre sua situação, mas porque a assume sem ilusões. Sua revolta não é contra os deuses, mas contra a resignação, ele recusa tanto a esperança quanto o desespero. A revolta torna-se a ponte entre a consciência do absurdo e a afirmação da existência, permite ao homem construir, na própria finitude, um sentido que não é dado, mas criado na experiência da liberdade. Essa proposta, contudo, não escapa às críticas. Alguns intérpretes apontam uma “petição de princípio” em Camus, ou seja, se o mundo é destituído de sentido, como justificar filosoficamente uma ética da revolta sem reintroduzir, ainda que de forma implícita, uma espécie de teleologia moral? (Sampaio, 2021). A tensão entre a recusa de qualquer fundamento transcendente e a defesa de uma vida intensa e engajada parece indicar um resto de normatividade que o próprio autor pretendia evitar.

Outra objeção recai sobre a relação entre liberdade e negação do suicídio. Se o homem é radicalmente livre, por que não incluir a escolha da própria morte entre as possibilidades legítimas de exercício dessa liberdade? Camus responde que o suicídio é, paradoxalmente, uma fuga da liberdade, ao romper a tensão com o absurdo, o indivíduo abdica da única situação em que a liberdade pode efetivamente se exercer. Essa resposta, porém, pode ser lida como uma forma de atribuir um conteúdo normativo à liberdade, tensionando o projeto original de não prescrever uma moral absoluta (Camus, 2004).

Enfim, apesar dessas objeções, a filosofia camusiana sobre o absurdo, o suicídio e a revolta, permanece uma das mais influentes do século XX. Sua força reside em articular a angústia existencial contemporânea com uma ética que não cede nem ao consolo metafísico nem ao cinismo niilista. Ao invés de fugir do absurdo, Camus propõe que o homem o abraça e encontre nele a energia para afirmar a vida. A revolta, a liberdade e a paixão configuram, assim, uma forma de existência que, mesmo sem sentido predefinido, ousa viver plenamente diante do silêncio do universo.

Cioran e a Lucidez: o suicídio como “remédio” contemplativo

Emil Cioran emerge no cenário filosófico como figura singular, marcada por um pessimismo radical e por uma recusa sistemática em construir sistemas filosóficos. Sua obra, feita de aforismos e fragmentos, apresenta um mundo em que desespero, tédio e angústia são dimensões constitutivas da condição humana (Cioran, 1995; 2011). Para Cioran, a vida é, em sua essência, um fardo, e a existência, um erro cósmico. Essa perspectiva sombria, porém, não o conduz ao gesto suicida, e sim a uma clareza extrema sobre o vazio da existência, uma lucidez que se converte, paradoxalmente, em “remédio” contemplativo (Cioran, 2011). O pessimismo de Cioran não se confunde com uma melancolia difusa, ele assume a forma de uma filosofia que desmascara ilusões e falsas esperanças. Sua crítica à “tirania dos sistemas” é permanente, ou seja, qualquer tentativa de organizar o pensamento em edifícios rígidos seria uma trapaça, um modo de fugir da incoerência e da absurdidade da existência (Cioran, 1995). A escrita aforismática, fragmentária e não linear é apresentada como gesto de honestidade, reflete uma realidade sem fundamento firme, na qual não há verdades absolutas nem sentidos pré-estabelecidos (Cioran, 2011).

A obsessão com o suicídio é constante em sua obra, mas não como apelo à execução do ato, e sim como instrumento de esclarecimento. Cioran formula de modo provocador: “só otimistas cometem suicídio, otimistas que não conseguem mais sê-lo. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, por que a teriam para morrer?” (Cioran, 2011). A tese que daí decorre é nítida, isto é, para o pessimista radical, vida e morte partilham a mesma ausência de sentido, de modo que a autodestruição não oferece ganho real, apenas repete sob outra forma a vacuidade já presente (Cioran, 1995).

O pessimista, ao contrário do otimista desiludido, já abandonou as promessas da existência, reconheceu a futilidade de tudo, a falta

de propósito e a inevitabilidade do sofrimento. Nessa perspectiva, o suicídio não traz libertação, pois não há de que se libertar, a vida já é, em si, um processo de decomposição lenta. Tirar a própria vida seria um gesto redundante, um acréscimo de inutilidade a um universo que já se caracteriza pela inutilidade (Cioran, 1995).

Em *Nos cumes do desespero*, Cioran radicaliza a ambiguidade do tema. “O suicídio - que difícil solução quando não se é louco!” (Cioran, 2020). A frase indica que o que importa não é tanto o ato, mas a sua possibilidade, a ideia do suicídio torna-se uma espécie de antídoto que permite continuar vivendo. Ao contemplar a hipótese do fim, o indivíduo é forçado a encarar a fragilidade de sua existência, a precariedade de suas crenças e a ausência de qualquer fundamento sólido para a vida (Cioran, 2011). Essa contemplação da morte, mantida em suspenso, conduz a uma lucidez sem escapatória. Trata-se de um processo de despojamento, no qual ilusões são desfeitas e esperanças são corroídas. O sujeito se vê diante da realidade sem os véus da religião, da moral ou da ideologia. Essa clareza, por mais dolorosa que seja, é precisamente o que permite a Cioran uma forma paradoxal de sossego, uma ataraxia negativa, que dispensa consolos e se contenta com a constatação da ausência de sentido (Cioran, 1995).

A possibilidade do suicídio, e não sua realização, assume papel ético em sua filosofia. Manter “a porta aberta” para o fim liberta o indivíduo da obrigação de apegar-se à vida a qualquer preço. Ele pode viver sem as ilusões que, para Cioran, constituem a verdadeira fonte do sofrimento. A meditação sobre a morte converte-se, assim, em exercício de liberdade, uma afirmação da autonomia diante de um universo indiferente (Cioran, 2011).

Note-se que essa ética da lucidez e da suspensão contrasta diretamente com a ética da revolta em Camus. Enquanto Camus propõe uma afirmação ativa da vida frente ao absurdo, Cioran delineia uma espécie de resignação lúcida, na qual a consciência da futilidade de tudo conduz a uma contenção do agir. A sabedoria, nesse horizonte,

não reside em transformar o mundo, mas em aceitar a ausência de sentido e em viver sem as promessas que, a seu ver, alimentam o sofrimento (Cioran, 1995; 2011).

O antinatalismo, entendimento de que seria preferível não nascer, é outra expressão do pessimismo radical de Cioran. Se existir significa sofrer, a procriação se torna um ato de crueldade. Essa perspectiva, embora extrema, permanece coerente com o projeto de desmontar todas as formas de otimismo e de ilusão (Cioran, 2011). A vida aparece como enfermidade, e a morte, como sua única cura possível (Cioran, 1995). Ainda assim, Cioran não é um niilista imóvel. Sua obra é, ao mesmo tempo, grito e confissão, uma tentativa de dar forma à dor inerente à condição humana. Ele escreve para não se suicidar, para canalizar, na linguagem, a própria lucidez insuportável. A escrita torna-se catarse, meio de suportar a existência sem capitular completamente ao desespero (Cioran, 2020).

Nessa perspectiva, sua filosofia oferece uma perspectiva peculiar sobre o suicídio. A meditação sobre a morte não é um incentivo ao fim, mas um caminho para uma existência desapegada, que renuncia às grandes ilusões. Sua obra funciona como convite à honestidade intelectual, enfrentar a realidade sem o amparo de esperanças e sem a proteção de narrativas consoladoras (Cioran, 1995; 2011).

Em *Breviário de decomposição*, Cioran desenvolve a ideia de que viver é participar de um processo contínuo de deterioração, e que a consciência desse processo é o que nos torna verdadeiramente lúcidos. “A única maneira de viver é não ter ilusões” (Cioran, 1995). Nessa fórmula se condensa o núcleo de sua filosofia, que busca desmontar todas as figuras do otimismo, expondo a fragilidade e a vacuidade que as sustentam. A contemplação do suicídio reaparece, então, como exercício de liberdade. “Sem a possibilidade soberana do suicídio, a vida seria insuportável” (Cioran, 2011). A aparente contradição se desfaz, a ideia do fim é o que torna suportável o percurso, porque impede que a vida se transforme em

obrigação absoluta. Ao saber que pode interromper a existência, o indivíduo deixa de se submeter a ela como destino inescapável. O pessimismo de Cioran, nesse sentido, não é mero desespero, é forma de lucidez que renuncia à felicidade como meta e privilegia a verdade, ainda que dolorosa. Sua filosofia conclama a encarar a existência sem ilusões, com a consciência de que a única grande garantia é a precariedade. “O homem está provisoriamente isento do suicídio. essa é sua única glória, sua única desculpa” (CIORAN, 2011).

A reflexão de Cioran sobre o suicídio configura um chamado à clareza e à probidade intelectual. Em vez de fugir do sofrimento, ele propõe que se atravesse o mal-estar e que se extraia dele uma forma de distância interior, ou seja, uma possibilidade de viver sem as expectativas que, a seu ver, alimentam a dor. Sua obra permanece como legado para quem busca compreender a condição humana sem o amparo de esperanças fáceis, aceitando que, sob o verniz das justificativas, persiste um fundo irreparável de vazio (Cioran, 1995; 2011; 2020).

Um confronto possível entre a revolta e a lucidez

O confronto entre as filosofias de Albert Camus e Emil Cioran sobre o suicídio revela dois paradigmas éticos distintos, mas surpreendentemente complementares. Ambos partem da mesma premissa - a ausência de um sentido transcendente para a vida - mas chegam a conclusões diferentes sobre como lidar com essa realidade. Enquanto Camus propõe uma ética da revolta, da ação e do engajamento, Cioran defende uma ética da lucidez, da suspensão e da não-ação. A análise comparativa de suas abordagens permite uma compreensão mais profunda das nuances da condição humana e das diferentes formas de enfrentar o absurdo da existência.

Quadro 1 - Comparação entre as perspectivas de Albert Camus e Emil Cioran sobre o suicídio

Característica	Albert Camus	Emil Cioran
Problema Central	O Absurdo (confronto entre a busca humana por sentido e o silêncio do mundo)	O Sofrimento (a existência como um fardo, um erro cósmico)
Posição sobre o Suicídio	Recusa do suicídio como uma fuga da liberdade e da consciência do absurdo (Camus, 2004)	Recusa do suicídio como um ato fútil para o pessimista radical (Cioran, 1995)
Função da Contemplação	A consciência do absurdo leva à revolta e à afirmação da vida (Camus, 2004)	A contemplação da morte é um "remédio" que permite a vida, desmascarando as ilusões (Cioran, 2011)
Estilo de Escrita	Lógico-clássico, ensaístico, busca por coerência e clareza	Aforismático, fragmentário, recusa em construir sistemas filosóficos
Paradigma Ético	Ética da revolta, da ação, do engajamento, da paixão e da liberdade	Ética da lucidez, da suspensão, da não-ação, da ataraxia e da honestidade intelectual

Fonte: Elaboração própria, com base em Camus (2004) e Cioran (1995; 2011)

O quadro sintetiza as principais diferenças e semelhanças entre os dois pensadores. Camus, ao focar no absurdo, busca uma resposta ativa, uma forma de dar sentido à vida através da revolta. Como afirma: “A revolta é a certeza de um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-lo” (Camus, 2004, p. 65). Cioran, por sua vez, ao se concentrar no sofrimento, busca uma forma de suportar a existência através da lucidez, da aceitação da futilidade de tudo. “Sem a possibilidade soberana do suicídio, a vida seria insuportável” (Cioran, 2011, p. 28). A revolta de Camus é um “sim” à vida, apesar do absurdo. A lucidez de Cioran é um “não” às ilusões, o que, paradoxalmente, permite a vida.

A complementaridade de suas contradições reside no fato de que ambos oferecem caminhos distintos, mas igualmente válidos, para lidar com a angústia existencial. Camus oferece uma ética para a ação, para aqueles que buscam transformar o mundo e encontrar sentido na luta. Cioran oferece uma ética para a “suspensão”, para aqueles que se sentem esmagados pelo peso da existência e buscam uma forma de paz interior na aceitação da futilidade (Cioran, 1995).

O engajamento de Camus, sua crença na possibilidade de criar um sentido através da ação, contrasta com o desapego de Cioran, sua recusa em se iludir com qualquer forma de esperança. “O homem absurdo não pode senão esgotar tudo e se esgotar” (Camus, 2004, p. 71). Já em Cioran, “só otimistas cometem suicídio, otimistas que não

conseguem mais sê-lo” (Cioran, 2011, p. 35). No entanto, ambos convergem na ideia de que a reflexão sobre o suicídio é um ponto de partida para a construção de uma ética autêntica, que não se baseia em dogmas ou verdades absolutas, mas na experiência singular do indivíduo diante da finitude.

A filosofia de Camus pode ser vista como um antídoto para o desespero paralisante, enquanto a de Cioran pode ser vista como um antídoto para o otimismo ingênuo. Juntos, eles oferecem uma visão mais completa e complexa da condição humana, reconhecendo tanto a necessidade de ação quanto a importância da lucidez. A revolta de Camus nos impulsiona a lutar por um mundo melhor, enquanto a lucidez de Cioran nos lembra da futilidade de nossas ambições e da importância de aceitar a realidade como ela é.

Em última análise, o confronto entre Camus e Cioran não é uma batalha entre o otimismo e o pessimismo, mas um diálogo entre duas formas de honestidade intelectual. Ambos se recusam a aceitar respostas fáceis e convidam o leitor a confrontar as contradições da existência. A escolha entre a revolta e a lucidez, entre a ação e a suspensão, não é uma questão de certo ou errado, mas uma questão de temperamento, de sensibilidade e de experiência de vida. O legado de Camus e Cioran reside na coragem de terem explorado os abismos da condição humana e de terem oferecido caminhos para a afirmação da vida, mesmo diante do silêncio do universo.

CONCLUSÃO

A jornada filosófica através das obras de Albert Camus e Emil Cioran, com foco em suas reflexões sobre o suicídio, revela não apenas a profundidade de suas análises, mas também a complexidade intrínseca da condição humana diante da ausência de sentido e da inevitabilidade do sofrimento. Ambos os pensadores, embora por caminhos distintos, convergem na centralidade do suicídio como o problema filosófico fundamental,

aquele que, uma vez questionado, desvela as verdades mais incômodas sobre a existência.

Camus, com sua filosofia do absurdo, nos convida a uma revolta lúcida. Para ele, o suicídio é uma fuga, uma rendição à irracionalidade do mundo. A verdadeira coragem reside em abraçar o absurdo, em viver plenamente a vida apesar de sua falta de sentido predefinido: “só existe um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio” (Camus, 2004, p. 13). A revolta camusiana não é um ato de desespero, mas uma afirmação da liberdade e da dignidade humana. “A revolta é a certeza de um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-lo” (Camus, 2004, p. 65). É no confronto com o silêncio do universo que o homem encontra a possibilidade de criar seu próprio valor, de dar sentido à sua existência através da intensidade e da paixão do viver. O mito de Sísifo, condenado a uma tarefa inútil, torna-se o símbolo dessa revolta, onde a felicidade é encontrada na própria consciência da liberdade e na aceitação do destino: “é preciso imaginar Sísifo feliz” (Camus, 2004, p. 123).

Cioran, por outro lado, nos oferece uma perspectiva de lucidez radical. Para ele, o suicídio é uma ideia que, ao ser contemplada, desmascara as ilusões e as falsas esperanças. O pessimista, que já reconheceu a futilidade de tudo, não encontra no suicídio uma libertação, pois a vida e a morte são igualmente desprovidas de sentido. “Só otimistas cometem suicídio, otimistas que não conseguem mais sê-lo” (Cioran, 2011, p. 37). A possibilidade do suicídio, e não sua realização, é o que permite a Cioran uma forma de paz, uma *ataraxia* que dispensa as ilusões e se contenta com a ausência de sentido. Sua escrita fragmentada e aforismática reflete essa recusa em construir sistemas, em impor uma ordem a um universo inerentemente caótico. A lucidez cioraniana é um convite à honestidade intelectual, a confrontar a verdade nua e crua da existência sem os véus do otimismo ou da esperança (Cioran, 1995).

O confronto entre Camus e Cioran, embora revele abordagens aparentemente opostas, a revolta ativa versus a lucidez contemplativa,

demonstra uma complementaridade profunda. Ambos nos forçam a olhar para o abismo da existência sem desviar o olhar. Camus nos impulsiona à ação, à criação de sentido em um mundo sem sentido. Cioran nos convida à aceitação, à suspensão do agir diante da futilidade inerente a tudo. Juntos, eles oferecem um espectro de respostas à questão do suicídio que transcende as categorias morais e religiosas, inserindo-o no cerne da experiência existencial.

A reflexão sobre o suicídio, portanto, não é apenas um tema para filósofos, mas um espelho da condição humana (Bueno, Albuquerque, 2024). Ela nos força a questionar o valor da vida, a natureza da liberdade e a busca por sentido em um universo indiferente. As contribuições de Camus e Cioran, com suas nuances e tensões, continuam a ressoar no pensamento contemporâneo, oferecendo ferramentas para navegar pela complexidade da existência e para encontrar, cada um à sua maneira, uma forma de afirmar a vida, mesmo diante de sua absurdidade e sofrimento. A questão do suicídio, em suas mãos, deixa de ser um tabu para se tornar um convite à mais profunda e honesta reflexão sobre o que significa ser humano.

O legado de Camus e Cioran para a filosofia contemporânea é inegável. Em um mundo cada vez mais complexo e fragmentado, onde a busca por sentido se torna um desafio constante, suas obras oferecem um farol de lucidez e coragem. Eles nos ensinam que a ausência de sentido não é necessariamente um convite ao desespero, mas uma oportunidade para a liberdade e a criação de valor. Suas filosofias, embora distintas, se complementam ao nos lembrar que a vida, em sua absurdidade e sofrimento, ainda pode ser vivida com intensidade e autenticidade. A questão do suicídio, em suas mãos, transcende o mero ato para se tornar um convite à mais profunda e honesta reflexão sobre o que significa ser humano e como podemos encontrar significado em um universo que, por si só, não o oferece.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2004.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

BRÉHIER, Émile. **História da filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 2006.

BUENO, Douglas Aparecido; ALBUQUERQUE, Carolina de. **Direito fundamental à saúde mental e suicídio: reflexões multidisciplinares para a institucionalização de uma clínica de psicologia jurídica na Universidade Federal de Rondônia**. Revista Thesis Juris, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 277-297, 2024. DOI: 10.5585/13.2024.26836. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/thesisjuris/article/view/26836>. Acesso em: 2 dez. 2025.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CIORAN, Emil. **Breviário de decomposição**. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CIORAN, Emil. **Do inconveniente de ter nascido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2020.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JASPERS, Karl. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1956.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NAGEL, Thomas. **Mortal questions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

SAMPAIO, L. V. **Albert Camus e a recusa do suicídio em O mito de Sísifo**. Kalágatos, v. 17, n. 2, p. 102-121, 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2001.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.